

Caracterização socioambiental do Parque Farroupilha, Porto Alegre, RS: percepção ambiental dos usuários

Gabriela Tirello Acquolini

Tecnóloga em Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre
(gabriela_tirello@hotmail.com)

Janine Fuga

Tecnóloga em Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre
(janinefuga@hotmail.com)

Érica Nicolao Lunardi

Tecnóloga em Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre
(nicolao.lunardi@gmail.com)

Helena Botelho Senna

Tecnóloga em Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre
(helenasenna.ga@gmail.com)

Pedro Hasstenteufel

Tecnólogo em Gestão Ambiental - IFRS Campus Porto Alegre
(pedro_hass@hotmail.com)

Sabrina Letícia Couto da Silva

Mestra em Epidemiologia (UFRGS). Docente do IFRS Campus Porto Alegre
(sabrina.silva@poa.ifrs.edu.br)

Maria Cristina Caminha de Castilhos França

Doutora em Antropologia Social (UFRGS). Docente do IFRS Campus Porto Alegre
(mcristina.franca@poa.ifrs.edu.br)

Resumo: O ser humano como elemento da natureza, carece de contato com espaços naturais. Dentro dessa realidade, as áreas verdes em centros urbanos são recantos que permitem algum tipo de relação entre os frequentadores e destes com os meios naturais. Assim, áreas verdes em grandes cidades, como parques, praças e reservas naturais, representam uma significância ecológica, social e histórica, pois contribuem como um reduto de espécies de fauna e flora, promovem a socialização e realização de atividades de lazer e fazem parte da memória histórica e patrimonial das cidades e frequentadores. Nesse contexto, o Parque Farroupilha localizado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, representa uma área verde de integração sociambiental, apresentando uma grande diversidade e quantidade de concentração arbórea, avifauna, presença de componentes aquáticos e solo oriundo de deposição sedimentar, assim como uma heterogeneidade de usuários. O objetivo do presente estudo foi a identificação da percepção ambiental dos usuários e trabalhadores do parque, através de pesquisa quali-quantitativa com a aplicação de dois tipos de questionários semi-estruturados, concluindo-se que falta ações da parte dos órgãos ambientais que aumentem os laços da população com o meio ambiente, de modo a melhorar a qualidade e quantidade das práticas ambientais conservacionistas.

Palavras-chave: Percepção ambiental; Parques urbanos; Parque Farroupilha; Usuários

Socio-environmental characterization of Farroupilha Park, Porto Alegre, RS: environmental perception of users

Abstract: The human being, as element of nature, lacks contact with natural spaces. Within this reality, the green areas in urban centers are places that allow some kind of relationship between the users and these with natural means. Thus, green areas in large cities, such as parks, squares and natural reserves represent an ecological, social and historical significance, because they contribute as a stronghold of species of fauna and flora, promote socialization and realization of leisure activities and are part of historical and patrimonial memory of cities and users. In this context, Farroupilha Park located in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, is a green area of sociambiental integration, presenting a wide variety and quantity of arboreal concentration, avifauna, presence of water components and soil coming from sediment deposition, so as a heterogeneous users. The aim of this study was the identification of environmental awareness of the users and workers of the park, through qualitative and quantitative research with the application of two types of semi-structured questionnaires, concluding that lack actions of environmental agencies to increase the population's ties with the environment in order to improve the quality and quantity of conservation environmental practices.

Keywords: Environmental awareness; Urban parks; Farroupilha park; Users

1. INTRODUÇÃO

O ser humano como elemento da natureza, carece de contato com espaços naturais, visto que em decorrência da revolução industrial e do incremento da urbanização, a realidade da população mundial tem cada vez mais se distanciando de um convívio próximo com o meio ambiente. A quantidade mínima preconizada pela Organização Mundial da Saúde é de 12 m² de área verde por habitante, e a ideal é de 36 m², cerca de três árvores, por morador (OMS, 2015). No mundo, a referência é Estocolmo: são 86 metros quadrados de área verde por habitante. Em teoria, quanto mais verde a cidade, melhor a qualidade do ar que se respira e mais agradáveis são a paisagem e o clima. Dentro dessa realidade, as áreas verdes em centros urbanos são recantos que permitem algum tipo de relação entre os frequentadores e destes com os meios naturais, de modo a recriar ambientes naturais ou preservá-los (LIMA, 2006). Assim, áreas verdes em grandes cidades, como parques, praças e reservas naturais, que são cada vez mais escassas, representam uma significância ecológica, social e histórica, pois contribuem como um reduto de espécies de fauna e flora, promovem a socialização e realização de atividades de lazer e fazem parte da memória histórica e patrimonial das cidades e frequentadores.

Nesse contexto, o Parque Farroupilha localizado na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, representa uma área verde de integração sociambiental, apresentando uma grande diversidade e quantidade de concentração arbórea, avifauna, presença de componentes aquáticos e solo oriundo de deposição sedimentar, assim como uma heterogeneidade de usuários, já que é visitado por milhares de pessoas, principalmente aos finais de semanas, sendo considerado um dos principais pontos turísticos da capital gaúcha, e premiado algumas vezes pela Revista Amanhã com o prêmio *Top of Mind* na categoria “Área pública”, como parque mais lembrado pela população.

O objetivo do presente estudo foi a identificação da percepção ambiental dos usuários e trabalhadores do parque, através de pesquisa quali-quantitativa por meio da aplicação de dois tipos de questionários semi-estruturados. O trabalho fez parte de uma pesquisa ampliada sobre a caracterização socioambiental do parque, na qual foram feitas análises ambientais de solo, água, vegetação, avifauna e nível de pressão sonora.

2. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa foi realizada no Parque Farroupilha, localizado no município de Porto Alegre, na região fisiográfica da Depressão Central do Estado do Rio Grande do Sul, situado à latitude 30°03'S e longitude 51°21'W e altitude média de 10 metros. A coleta de dados primários (entrevistas) foi realizada entre os meses de julho e agosto de 2011, aos finais de semana, nos períodos manhã e tarde.

A população-alvo da pesquisa foram todos os usuários (comuns e trabalhadores) do Parque Farroupilha e a amostra pesquisada foram 363 usuários comuns e 18 usuários trabalhadores. Foi realizada uma pesquisa quali-quantitativa através da aplicação de dois tipos de questionários semi-estruturados, sendo que para cada público foi aplicado o respectivo instrumento.

Os questionários foram elaborados com base na diferenciação desses perfis, pautados nas práticas que atuam nesse espaço: aos trabalhadores e aos demais usuários, nos quais, abarcassem as principais questões de interesse, relacionadas ao

meio ambiente. O questionário dos usuários comuns contém oito blocos de questões temáticas relativas à pesquisa, totalizando 44 questões fechadas e 15 questões abertas, já o dos usuários trabalhadores, com 17 questões fechadas e 8 questões abertas. A análise quantitativa foi realizada através do cálculo de Estatísticas Descritivas (Tabelas de frequência, análise gráfica e medidas resumo, tais como a média).

A análise qualitativa foi realizada para identificar a motivação que levou os usuários trabalhadores a exercerem sua atividade profissional no parque e foi investigada através da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977) e posterior categorização das respostas. Para cada resposta obtida, buscou-se literatura de referência relacionada às seguintes categorias: *Teoria do Consumo* (NÉSTOR CANCLINI, 1996 e ZYGMUNT BAUMAN, 2008), *Família e reprodução social* (CLARICE PEIXOTO, 2009 e SEGALIN, 1998), *Prática profissional* (PIERRE BOURDIEU *et al*, 2004 e RICARDO ANTUNES, 2008), *Meio Urbano* (WALTER BENJAMIN, 1994 e EUNICE DURHAM, 2008), *Processo de Socição e Mobilidade Social* (GEORGE SIMMEL *In* VELHO, 1987 e PIERRE BOURDIEU, 2002). Essas entrevistas podem fornecer dados e sugerir fontes úteis de informação, segundo Boni & Quaresma (2005).

A coleta de dados primários visou mapear os usos e a diversidade de atividades que se desenvolvem nesse espaço urbano e que, segundo Jacobs *apud* Guerra (2003) propicia as relações que estabelecem com esse ambiente. Ao atuarem nesse espaço, os usuários aderem a diferentes atividades, tais como: trocas sociais; manifestações políticas, educacionais, artísticas e culturais; práticas esportivas; sociabilidade; consumo e lazer; contemplação da paisagem; exercício do trabalho formal e informal; ações de saúde pública, etc.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Através de tabelas de frequência, verificou-se que o gênero que foi mais abordado nas entrevistas foi o feminino (53,7%) na faixa etária entre 22-35 anos (39,9%).

A maioria dos entrevistados residia próximo ao parque, no bairro Bom Fim (9,1%), na cidade de Porto Alegre (89,5%) com Ensino Superior Incompleto (28,9%), tendo uma família de duas pessoas (24,8%).

A frequência de visita ao parque foi de mais de uma vez por semana (28,9%), no período da tarde (55,4%), embora se sinta mais seguro no período matutino (48,8%).

Dentre as atividades, elencou-se o passeio (7,7%), visita ao Brique da Redenção (7,0%), caminhada (6,8%), contemplação da natureza (6,6%) e sentar nos bancos (6,6%).

Cerca de 75% dos entrevistados disseram que sentem diferença na temperatura no parque, desse total 66,4% sentem para menos. Apesar de não buscarem conforto térmico no local (49,9%), escolhem as sombras (2,5%), o sol no inverno (1,7%) e partes arborizadas (1,7%).

A poluição sonora não perturba a maior parte dos usuários (74,1%), mas destacaram como relevantes, a música alta (2,5%) e o trânsito (1,4%) como ruídos perturbadores para alguns.

O que mais atrai a atenção desses frequentadores são as árvores de um modo geral (26,7%). Nesse item, 76,9% acreditam que é proibido plantar ou retirar (95,2%) muda de espécies vegetais do parque. As espécies mais conhecidas são palmeiras (1,7%), ipês (0,6%), coqueiros (0,6%) e cerejeiras (0,6%).

Quanto a avifauna, os animais mais observados foram cães e gatos (44%), macacos (0,8%), pássaros (5,8%), pombos (1,9%) e tartarugas (0,6%).

A maior parte dos usuários entrevistados respondeu que não percebe animais abandonados (54,3%) no Parque Farroupilha e que esse fator não influenciou na escolha do seu local de permanência (87,1%). Já os locais evitados por esse motivo são próximos à administração (0,6%), no entorno do Auditório Araújo Viana (0,6%), próximo ao Minizoo¹ (0,6%) e onde existem gatos (1,1%).

Outros animais soltos percebidos pelos usuários, com exceção de cães e gatos, são aves (1,1%), furões (0,6%), gambás (2,2%), pássaros e peixes (0,6%), pombas e tartarugas (0,8%).

¹ O Minizoo foi removido do parque em dezembro de 2011 e os animais foram transferidos para um criadouro em Santa Maria – RS.

Consideram a situação ambiental do parque boa (44,6%) e apenas 3,3% responderam que a situação ambiental é péssima. Grande parte desses frequentadores (79,6%) disse que contribui para a preservação ambiental do local recolhendo seu lixo (4,1%), recolhendo dejetos de seus cães (0,3%), juntando o lixo que acham na grama (0,6%) e não arrancando as folhas das árvores (0,8%).

Os entrevistados responderam que não presenciaram comportamentos de depredação no parque (62,8%). No entanto, alguns comportamentos foram vistos como jogar lixo no chão, arrancar flores, pichações e quebra de galhos por outros usuários.

A maioria dos frequentadores admite não participar de atividades ambientais realizadas no Parque Farroupilha (89%), sendo que os que já participaram, foi em atividades de caminhada (0,68%) e durante a Semana do Meio Ambiente (0,6%).

Quanto ao grau de satisfação desses usuários em relação à Administração do Parque Farroupilha, considerando os seguintes itens: cuidado da grama, arbustos e jardins, fertilização e poda das árvores, equipamentos de esporte, plantio de flores, limpeza, conservação de estátuas e monumentos, manutenção e qualidade da água dos bebedouros, iluminação, sinalização, retirada de lixo e quantidade de lixeiras e segurança, pode-se mensurar percentuais de satisfação (Figura 01).

- Percentual de insatisfação é de 27%;
- Percentual de satisfação é de 29%;
- Percentual de muita insatisfação é de 16%;
- Percentual de muita satisfação é de 4%;
- Indiferentes (16%) e regular (8%).

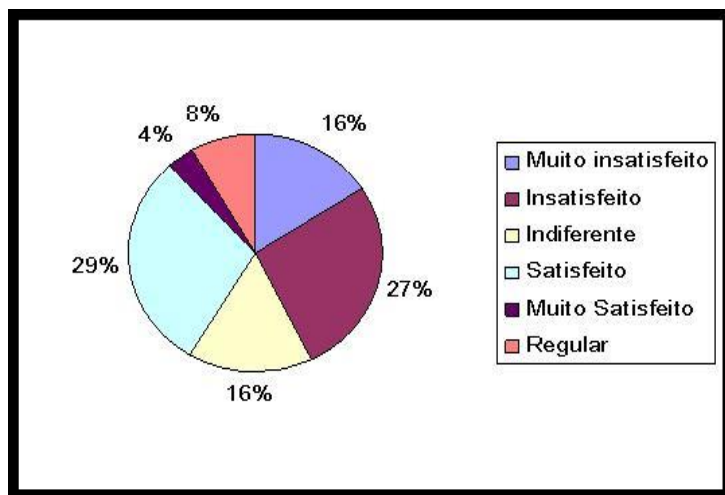


Figura 01. Percentuais de satisfação. Fonte: Pesquisa.

Os dados obtidos das entrevistas realizadas aos trabalhadores do Parque Farroupilha, totalizando dezoito, revelam que há um equilíbrio de gêneros (50%), na faixa etária entre 36 e 45 anos (38,9%). Estes possuem de três a seis integrantes em suas famílias (83,3%). Residem na capital (77,8%), com mais expressividade nos bairros Santa Isabel e Santa Tereza (22,2%).

No nível de escolaridade, percebemos uma grande variedade de respostas dos trabalhadores entrevistados (Figura 02).

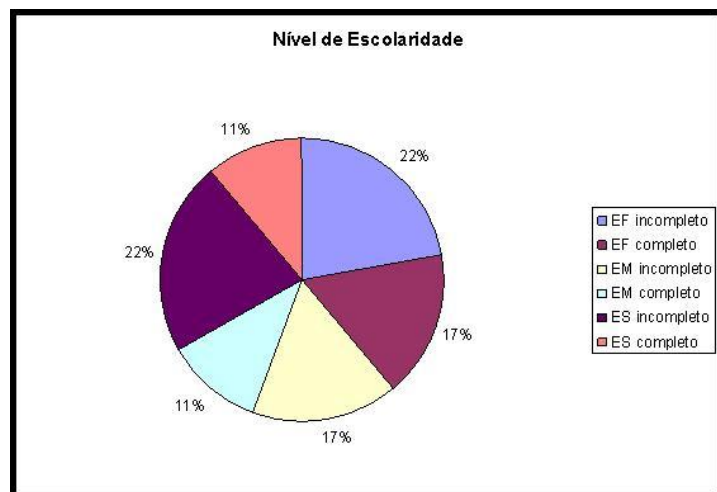


Figura 02. Nível de Escolaridade dos trabalhadores do Parque Farroupilha.

A constância com que os trabalhadores frequentam o Parque Farroupilha para exercerem suas atividades é de mais de uma vez por semana (55,6%), sendo que 22,2% têm frequência diária. Aos sábados, aumenta para 83%, seguido de domingo com 83,3%. Dias úteis possuem frequência de 38,9%, feriados respondem por um aumento de 61,1%. Já 77,8% dos entrevistados afirmaram que não comparecem ao parque em dias de passe livre.

As atividades se concentram mais nos períodos da manhã e tarde, sendo que a noite há pouca atividade (Figura 03).



Figura 03. Períodos de trabalho no Parque Farroupilha.

Na questão de sensação de segurança, notamos que os resultados se harmonizam, demonstrando que existem mais atividades no período em que esses trabalhadores se sentem mais seguros, no período vespertino, com maior expressividade em dias da semana e aos sábados, para exercerem suas atividades no parque com maior tranquilidade. (Figuras 04 e 05).



Figura 04. Sensação de segurança.



Figura 05. Dias da Semana x Segurança.

Os trabalhadores do Parque Farroupilha alegaram, em sua maioria, não exercer função em outra localidade (72,2%). Cerca de 16% deles, exercem essa atividade por herança familiar (16,7%) e não fazem uso do parque além do profissional (61,1%).

Nas questões ambientais, os trabalhadores avaliaram a situação ambiental do parque como ótima (50%), sendo que 89,9% desses alegaram contribuir na preservação ambiental, limpando o seu local de trabalho (16,7%) e cuidando do lixo (11,1%).

Durante o período de trabalho, 55,6% já presenciaram comportamentos de depredação no parque, tais como a quebra de árvores (16,7%) e das lixeiras (11,1%).

Como sugestão para melhoria da manutenção do Parque Farroupilha, listam, entre outros, iluminação e segurança, lixeiras e banheiros em condições de uso, separação do lixo, mais pracinhas, conscientização da população e o cercamento do parque para maior segurança.

4. CONCLUSÕES

A maior parte dos usuários do Parque Farroupilha é constituída por mulheres e residentes da cidade de Porto Alegre, sendo que o período de maior visitação é a parte da tarde.

Quanto à percepção ambiental, os usuários dizem não procurar ambientes com conforto térmico, no entanto as árvores são os maiores atrativos. A maior parte dos frequentadores considera a situação ambiental do parque boa, contribuindo para sua preservação por meio de atitudes como não jogar lixo no chão, juntando lixo do chão e não arrancando folhas das árvores, no entanto a maior parte nunca participou de atividades ambientais no parque.

A partir desses dados, sugere-se então que o poder público, através dos órgãos ambientais, realize campanhas de conscientização e preservação de ambientes verdes por meio de atividades que tragam uma maior interação do espaço com o usuário, para assim haver maior pertencimento e consequentes cuidados.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, R. Desenhando a nova morfologia do trabalho: As múltiplas formas de degradação do trabalho. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº83, pp. 19 - 34. 2008.
- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Presses Universitaires de France. Edições 70. 1977
- BAUMAN, Z. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994 (Obras escolhidas, v. 1).
- BOURDIEU, P.; CHAMBOREDON, J-C; PASSERON, J-C. *O Ofício de Sociólogo: Metodologia da pesquisa na sociologia*. 5ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.
- BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- CANCLINI, N.G. *Consumidores e cidadãos*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1996.
- DURHAM, E.R. Migrantes rurais In: DURHAM, E.R. *A dinâmica da cultura*. São Paulo, Cosac Naify, p. 181-201. 2004.
- GUERRA, C.M. *Os Usos dos Componentes Aquáticos nas Praças do Recife*. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003. 112p.
- LIMA, V.; AMORIM, M. C. C. T. *A importância das áreas verdes para a qualidade ambiental das cidades*. Revista Formação, n.13, p. 139 -165. 2006.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE – OMS. Disponível em:
<<http://www.who.int/eportuguese/publications/pt>> Acesso em: 07 out. 2016.
- PEIXOTO, C.E., SINGLY, F., CICCHELLI, V. *Família e individualização*. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2000. 200p.
- SEGALEN, M. *História da Família*, Vol. IV. O Ocidente: industrialização e urbanização. Ed. Terramar, Lisboa, 1998.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, O.G. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 4ª ed., 1987.